

JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANAIBARA

DATA: 19/11/52 AUTOR: JORGE GYZ

TÍTULO:

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM

# A FORMA DA ALMA

Revelada num debate sobre a pintura de hoje - Abstracionismo x Realismo Social

O ambiente no auditório do Ministério da Educação era de expectativa e nervosismo. Ia travar-se aí um debate sobre o destino da pintura nos dias de hoje: pintar assuntos sociais como querem alguns, sobretudo os comunistas, ou caminhar para uma linguagem própria, sem "assunto", como querem outros, os "abstracionistas". O debate foi promovido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte. Houve até quem promettesse briga se fosse contrariado nos seus pontos de vista.

## INICIO

A sessão começou com uma homenagem a Manoel Bandeira, o grande poeta, mas "finado crítico de arte", conforme a si mesmo se proclamou, ao agradecer a homenagem. Se fi-

zera crítica, explica, na época em que não havia críticos. Murilo Mendes, outro poeta ilustre, recordou os tempos heróicos da crítica de arte, e Mário Barata, em nome da Associação, saudou o autor de "Libertinagem", lendo inclusive trechos de críticas do poeta homenageado.

## REALISMO X ABSTRACIONISMO

Em seguida teve início o debate ansiosamente esperado. A mesa compunha-se de Mario Pedrosa e Flavio de Aquino, da ala abstracionista, Mario Barata e Quirino Campofiorito, do realismo social e Marc Berkowitz, neutro. Também fazia parte da mesma Oswaldo Goeldi, o mestre da gravura.

Abre a discussão Marc Berkowitz. Diz não tomar partido, achando que cada um deve pintar como quiser, sempre



Este é o homem das ruas... Vemos, sentados, o poeta Murilo Mendes, a sra. Mario Pedrosa e a poetisa Maria da Saudade Cortezão Mendes.

JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANABARA

DATA: 19/11/52 AUTOR: JORGE GUZ

TÍTULO:

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM

# HUMANA

Texto: Jorge Guz

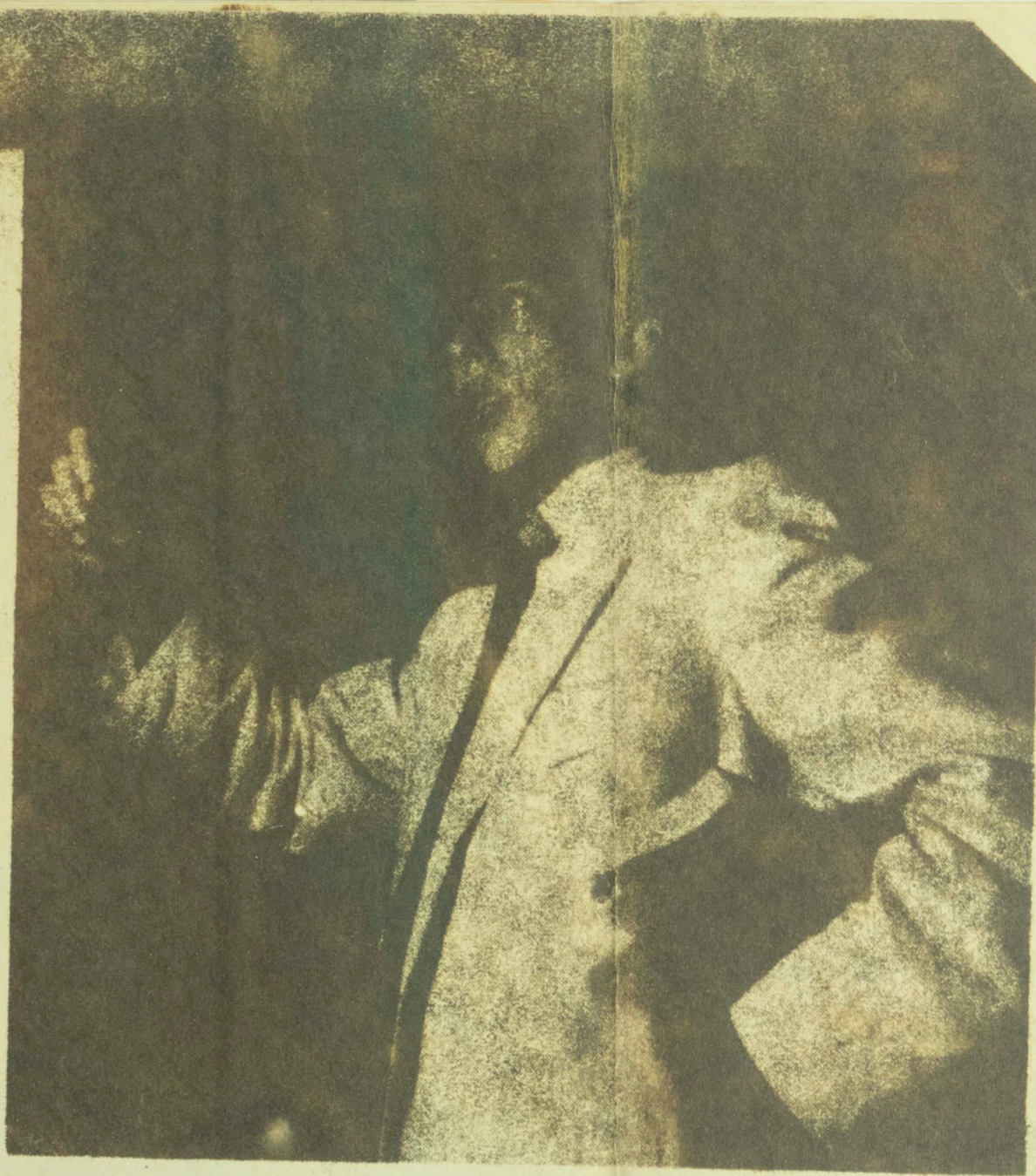
Fotos: Sascha Harnisch

que possível livre de influências estrangeiras.

Flavio de Aquino fala com ajuda das mãos, ou melhor, gesticulando com a eloquência dos naturais do país da ópera. Defendo o abstracionismo exemplificando com as diferentes manifestações artísticas de todos os tempos, assinalando, em todas elas, a presença do que se chamaria o "valor abstrato" da linguagem plástica, ou seja a beleza imanente das puras relações formais e colorísticas. Indaga a seguir: um conjunto de formas e cores puras, pela harmonia de suas simples relações de equilíbrio, é capaz de emocionar? Se se aceita isso, aceita-se a arte abstrata.

REALEJO

Até aqui, o descontentamento ou o entusiasmo se manifesta ainda apenas pelos cochilos e sorrisos significativos en-



"Eu entendo..." diz este espectador.



"A meu ver, este debate é dispensável", diz Flavio de Aquino. Ao seu lado, Mario Pedrosa e Marc Berkowitz.

JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANABARA

DATA: 19/11/52 AUTOR: JORGE GUVZ

TÍTULO:

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM

tre os assistentes. Então a palavra é dada a Campofiorito, crítico-pintor, cuja posição ao lado do realismo-social está definida pelos seus quadros no Salão Nacional de Arte Moderna, aos quais não falta a indefectível "pomba da paz". "Deixei em casa meu realejo, diz o crítico-pintor, e por essa razão nada pode dizer sobre o debate. Acusa Flavio de Aquino de repetir as mesmas "batidas fórmulas" do "realejo dos abstratos", mero jogo de palavras que ninguém entende...

— Eu entendo! grita um assistente. E não sou crítico de arte.

O crítico realista-social perturba-se com a interferência inóclita, mas prossegue. Conta, agora, uma "piada" de Portinari sobre a nova corrente pictórica. "São uns surdo-mudos querendo falar ao telefone".

Ninguém percebe o humor da piada.

"A piada é abstrata? pergunta alguém da assistência.

Campofiorito ia ainda prosseguir quando outro assistente interfere

— Puxa! E o senhor disse que não trouxe o realejo...

FALA O CRÍTICO E O PINTOR RESSONA

A sessão se anima e o público se agita nas poltronas. Os-

waldo Goeldi fala também defendendo um meio termo entre o abstracionismo e o figurativismo, sem contudo chegar ao realismo social. E agora a voz de Mario Pedrosa que se faz ouvir. Sua intervenção causa um *frisson* na assistência devido ao calor com que externa suas opiniões.

— Não posso me isentar de mim, quando crítico diz Pedrosa. E afirma corajosamente que defende a pintura não só abstrata como também a concreta que já é um desenvolvimento desta última escola. Parafrazeando Baudelaire acha que "a crítica deve ser apaixonada, parcial, injusta mesmo se necessário". Ouvem-se palavras de apoio e de protesto, da parte do público. Mario Barata entra a defender a pintura chamada "realismo social". Expende suas opiniões com um tom de voz que mais parece um martelar. Enquanto ele fala, o pintor abstracionista Ivan Serpa, cansado do realejo contrário, prefere dormir...

#### O AUDITÓRIO SE MANIFESTA

É franqueada a palavra aos assistentes. Um jovem, que fala em espanhol, está intrigado com a expressão "arte abstra-

ta". Abstração de que? indaga, sem atinar. E pede que se recorra à reconsideração dos principais teóricos do movimento, a fim de se esclarecer do que considera contradição. Quer

Continua na pag 38



Os primeiros sintomas do tumulto.

JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANAIBARA

DATA: 19/1952 AUTOR: JORGE GVZ

TÍTULO: \_\_\_\_\_

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM

### A FORMA DA ALMA HUMANA

#### Conclusão

textos, mas onde encontrá-los? A mesa, porém, não veio dar aulas, não trouxe textos. Mario Pedrosa tenta demonstrar que a questão terminológica pouco ou nada tem que ver com a discussão presente. Discute-se a pintura em seus valores concretos, independente das categorias que utilizem os debatientes para mencioná-los. Em vão.

Surgem aparteantes de todos os lados.

### O HOMEM DAS RUAS

Um senhor gordo, vestido de linho, que se levanta dizendo não entender nada da questão, identifica-se como um homem das ruas. Quer aprender... Logo, porém, vê-se a saber que o "popular" é um catedrático incógnito dum colégio superior do Distrito Federal. Faz diversas observações entre pit-rescas e banais, e conclui com uma tese fabulosa: os pintores devem juntar-se à fotografia e procurar superá-la na nitidez e precisão de detalhes!...

### CLIMAX

Ergue-se alguém e protesta contra as asneiras do professor. Os "flashes" relampejam a cada momento e assim colaboram na exaltação dos ânimos. O auditório está dividido em duas alas adversárias. Os oradores são aplaudidos, conforme a sua "côr", por um grupo e apupados pelo outro. Com a palavra um assistente que fala em Platão, Aristóteles, Hegel e Marx... e também na indefectível "pomba da paz". O seu discurso infundável, cheio de frases pseudo-filosóficas começa a provocar irritações. Sucedem-se as expressões "coletividade", "função social", "arte coletiva". Mario Pedrosa pergunta-lhe a queima roupa: "que é coletividade, função social, arte coletiva? O orador se atrapalha e cala-se. Já ninguém se entende. A mesa não comanda a sucessão de oradores. Toda o mundo quer protestar, esplanar, ou gritar apenas. Parece sessão da Câmara Municipal.

### A DÚVIDA E O INFINITO

Outra vez a voz espanholada se faz ouvir. "No puedo percibir". "Creo que el mundo es lo objetivo y lo subjetivo...".

— E o infinito? inquire uma voz atormentada, lá atrás.

Outra, mais tranquila, pergunta insidiosamente:

— Que forma tem a alma humana?

A pergunta fica sem resposta, ninguém tenta satisfazer a curiosidade do interpelante.

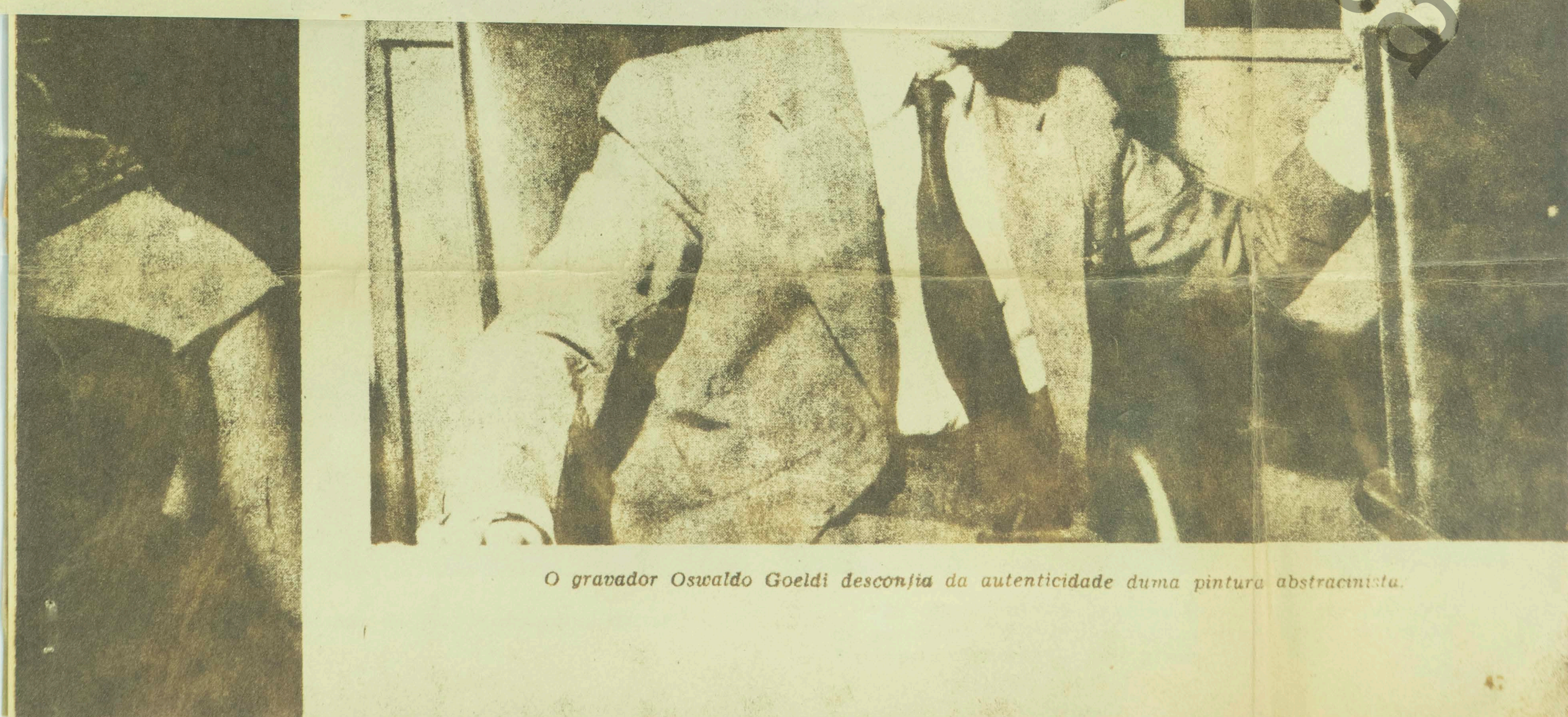
Volta a mesa a falar. O crítico Flavio de Aquino é acusado de incongruência por um aparteante. Mario Pedrosa tenta um último esclarecimento e depois de falar longamente, levanta-se da mesa encerrando os debates. A assistência levanta-se também, mas a discussão continua, desta vez de um para outro, de fila para fila, de poltrona para poltrona.

E nesse trepidante alvoroço encerra-se o debate sobre o abstracionismo e realismo social. Mas ainda não acabaram as discussões. Elas se prolongam pela escadaria, e, no pátio, embaixo, vão se formar rodas de exaltados contendedores. A uma da manhã, mais ou menos, é que, felizmente, tudo parece acomodado.

★ ★ ★



Diretora do Museu de



O gravador Oswaldo Goeldi desconfia da autenticidade duma pintura abstracionista.

JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANAIBARA

DATA: 19/11/1952 AUTOR: JORGE GUZ

TÍTULO: \_\_\_\_\_

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM



Sr. Paulo Bittencourt e Senhora Niomar Muniz Sodré, Diretora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



O gravador Oswaldo Goeldi desconfia da autenticidade duma pintura abstracista.

JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANABARA

DATA: 19/1952 AUTOR: JORGE GUZ

TÍTULO:

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM



O "falsificado crítico de arte" Manoel Bandeira e a baronesa de Saqêdra.



Mario Pedrosa: "A pintura abstrata, ou concreta, elabora os símbolos duma nova linguagem plástica para o homem".



Ivan Serpa, cansado do realejo contrário, dorme...



"Sr. Mario Pedrosa, pergunta dramaticamente esta senhora, partidária do realismo-social, entendi certo ou errado?" E o crítico: "Errado de cabo a rabo!"

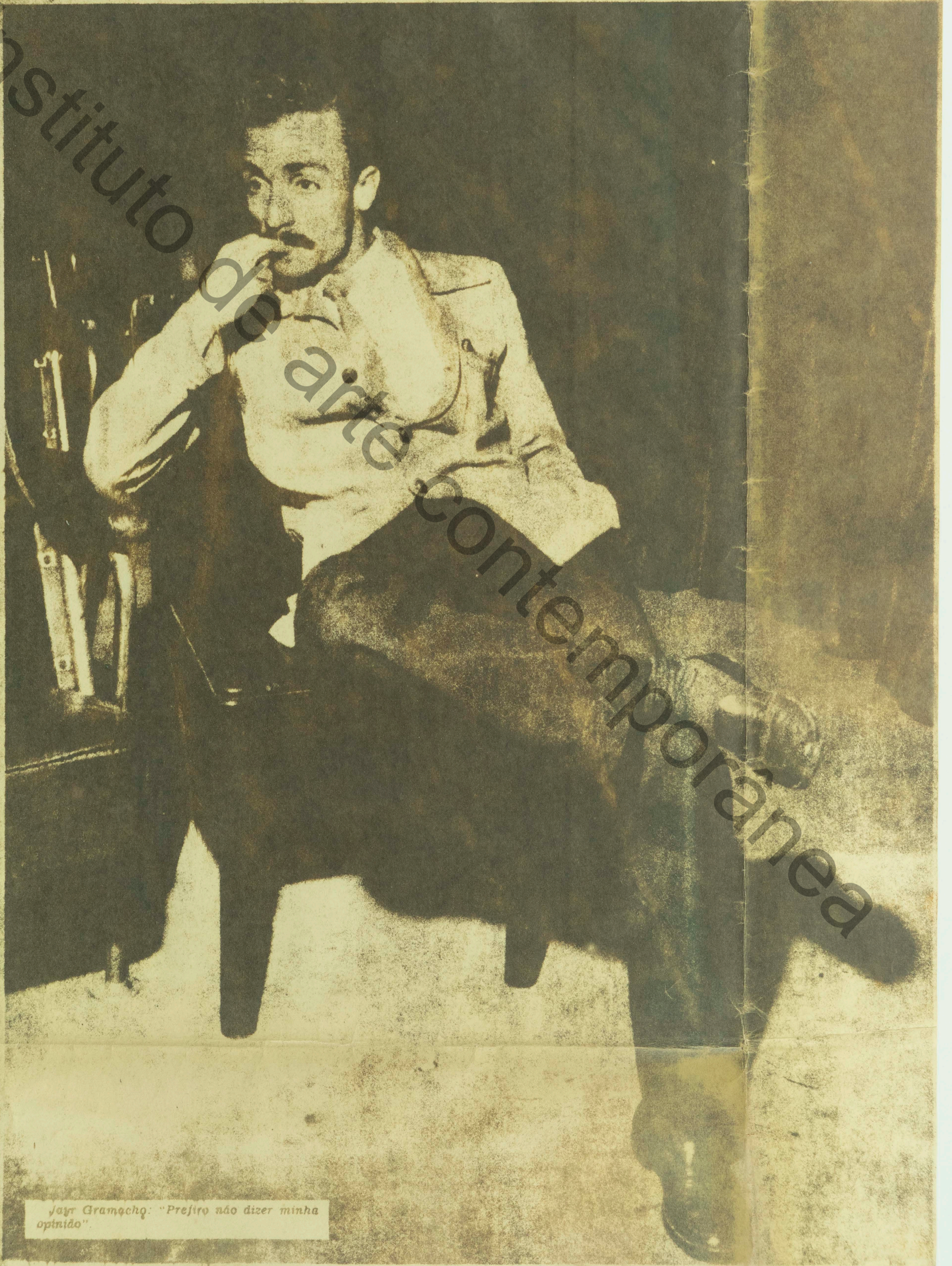
JORNAL: REVISTA DA GUAIRA LOCAL: GUANABARA

DATA: 19/11/52 AUTOR: JORGE GVZ

TÍTULO:

ASSUNTO: ABSTRACIONISMO VERSUS REALISMO SOCIAL

VARIOS DEBATEM



Jayr Gramacho: "Prefiro não dizer minha opinião".